



ORACULA 6.11 (2010)
ISSN: 1807-8222

REPRESENTAÇÕES DA RELIGIOSIDADE ROMANA NO SÉCULO II D.C.: O testemunho de Apuleio*

Semíramis Corsi Silva**

Resumo

O presente artigo constitui-se de reflexões sobre a religiosidade de Apuleio, intelectual romano que viveu no II século d.C. na África Romana. Neste sentido, apresentamos uma análise das características religiosas que cercaram este autor, tais como sua filosofia mística, o médio-platonismo, as práticas de cultos místéricos próprias de sua filosofia, seu envolvimento com práticas de magia e a ocupação de cargo sacerdotal. Como fontes de pesquisa, utilizamos as obras do autor analisado: *Apologia*, *Florida*, *O asno de ouro* e *O Deus de Sócrates*. Ainda apresentamos a análise de uma sólida bibliografia a respeito de Apuleio e sobre o contexto abordado. Ressaltamos que Apuleio tem seu nome envolto em misticismo até hoje e foi acusado como praticante de magia em sua época, envolvendo-se em um processo jurídico.

Palavras-chave: Apuleio; religiosidade romana; magia; filosofia médio-platônica.

Abstract

This article consists in reflections about Apuleius religion, Roman intellectual who lived in 2nd century in Africa Roman. We present an analysis about religious characteristics surrounded this author, such as his medium-platonic philosophy, the mysteric cults, his involvement with magical practices and occupation of priestly position. We use the workmanships of the analyzed author: *Apologia*, *Florida*, *O asno de ouro* and *O Deus de Sócrates*, as research sources. We present the analysis of a solid bibliography about Apuleius and the context. It's important to stand out Apuleius has his name involved in magic until nowadays and was accused as practicing with magic at his time, was involve in a legal process.

Keywords: Apuleius; Roman religion; magic, medium-Platonic philosophy.

* Este artigo é parte das reflexões da Dissertação de Mestrado da autora, defendida em 2006 na Universidade Estadual Paulista – UNESP de Franca, sob orientação da Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho, a quem a autora agradece pelo incentivo.

** Doutoranda, mestre e graduada em História pela UNESP de Franca. Docente do Centro Universitário Claretiano.

Introdução

Até então eu esperava dos documentos que me ensinassem a verdade dos fatos, cuja lembrança tinham por missão preservar. Logo verifiquei que esta verdade é inacessível e que o historiador só tem oportunidade de aproximar-se dela em nível intermediário, na altura de testemunha, questionando-se não sobre os fatos que relata, mas sobre a maneira como os relatou¹.

Com a epígrafe acima buscamos mostrar que o presente artigo não pretende demonstrar uma verdade sobre determinado assunto, mas uma visão particular. Assim, apresentaremos alguns elementos característicos da religiosidade romana no II século d.C. representados nas obras de Apuleio, ou seja, analisaremos a maneira como um importante expoente da elite deste contexto sentiu aspectos da religiosidade do seu momento e a mostrou em suas obras. Portanto, estamos trabalhando com as representações e não propriamente com as práticas².

Para tanto, é fundamental começarmos apresentando quem foi o autor analisado, ressaltando que é a partir da visão dele que mostraremos a religiosidade da época. Apuleio foi um expoente da literatura, da retórica e da filosofia médio-platônica³ do século II d.C, viveu entre 117 e 180 d.C. na África Romana. A família de Apuleio ocupou cargos importantes na administração de uma cidade do norte da África, que tudo indica ser Madaura, um importante centro de influência romana. Seu pai, vindo da Península Itálica, segundo indicações do próprio Apuleio, foi para o norte da África formar a elite dirigente local, ocupando cargos municipais, chegando a tornar-se *diunviro*, a mais alta magistratura municipal.

¹ DUBY, Georges. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 99.

² Para compreender o conceito de representações devemos nos reportar à obra de Roger Chartier, *A História Cultural Entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, um dos pilares fundamentais da moderna História Cultural, e sua definição para este conceito. Conferimos que o homem através da manipulação das representações pode esconder o real, representando seus anseios, suas revoltas e suas vitórias da maneira que deseja, construindo representações como se fossem verdades. Cabe ao historiador desconstruir o discurso do protagonista através da análise de sua maneira de compreensão do mundo.

³ Estudos modernos se contrapõem ao considerarem Apuleio como um filósofo. Há autores que usam apenas o termo sofista para designá-lo. Para nós, Apuleio se mostra em total competência ao desempenhar atividades que o acoplam à noção de filósofo. Conferimos que a controvérsia em ser Apuleio considerado um filósofo ou não está ligada à significação das funções e formações do filósofo da época em que ele viveu para uma concepção do filósofo na nossa atualidade. Sua filosofia está diretamente relacionada ao misticismo e magia e não deve ser comparada a concepções de filósofo racionalista, que pauta seus estudos em pressupostos científicos, excluindo qualquer tipo de manifestação mística para explicação de fenômenos de naturezas diversas.

Envolto em uma atmosfera de religiosidade e magia, Apuleio mostra em seus textos ter sido um filósofo ligado ao misticismo típico do médio-platonismo do século II d.C., iniciando-se nos cultos mistéricos de deuses da religiosidade pagã romana. Este autor foi ainda sacerdote na cidade de Cartago e tem seu nome ligado a uma tradição da magia romana pelas características citadas acima, por ter escrito o romance *O asno de ouro* cujo tema central é a magia na literatura e por ter sido acusado de praticante de magia na cidade de Oea por volta de 159 d.C. Acusação esta que em nossa Dissertação de mestrado propomos estar dentro das relações de poder no mundo romano do II século d.C., que envolviam a magia, a representação do filósofo e o casamento de Apuleio com uma rica viúva da cidade onde foi acusado⁴.

Uma verdadeira mitologia mágica pode ser verificada em torno de Apuleio. Em uma lenda cristã ele é mostrado competindo com os magos romanos Juliano⁵ e Apolônio de Tiana⁶ para ver quem curava mais rápido uma peste que invadira Roma. Alguns dos primeiros padres cristãos (São Jerônimo, Santo Agostinho, Lactâncio, entre outros) chegaram a opor Apuleio a Jesus Cristo, como faziam com o místico grego Apolônio de Tiana. Ernst Bickel conclui que Apuleio pode ser considerado um precursor de certos aspectos místicos da Idade Média por ter se tornado uma figura mitológica ligada à magia⁷. Diante de todas essas características, acreditamos que Apuleio se torne um personagem importante para compreensão das antigas práticas mágicas e místicas da elite romana durante o período do Principado, mais especificamente do século II d.C., momento que ele viveu.

Os textos do autor utilizados em nossos estudos são: *Apologia*, autodefesa perante a acusação de praticante de magia, *Flórida*, compilação de vários discursos filosóficos,

⁴ Em momento nenhum defendemos em nossos estudos a idéia de que Apuleio foi acusado por práticas consideradas ilícitas e estranhas ao seu tempo. Acreditamos em um suposto uso desse argumento pelos seus acusadores, mudando o conceito sobre suas práticas para fins de acusação por outros motivos, analisados dentro do jogo de poder político que envolviam acusadores e acusado.

⁵ Juliano, o Teurgo, era filho de Juliano, o Caldeu, que proveniente da Babilônia passou a viver em Roma após as campanhas do Imperador Trajano no Oriente. Juliano, o caldeu, praticava a magia e a adivinhação e versou seu filho na suas artes mágicas. Cf. SILVA, Gilvan Ventura da. *Reis, Santos e Feiticeiros*: Constâncio II e os fundamentos místicos da *Basiléia* (337 – 361). Vitória: EDUFES, 2003, p. 186. A Juliano, o Teurgo, é referida a autoria os *Oráculos Caldeus*, obra que trata de prescrições para a mágica evocação dos deuses, e uma obra sobre *daimones*.

⁶ Apolônio foi um filósofo pitagórico e místico que viveu na Capadócia - ap. 4 a.C. Cf. HARVEY, P. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*. Grega e latina. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 46. Essa anedota pode ser apenas uma lenda, já que estes três personagens não foram contemporâneos. Apenas Apuleio e Juliano parecem ter vivido na mesma época, ainda assim, não se sabe ao certo a data da vida de Juliano

⁷ BICKEL, Ernst. La Literatura retoricante de la latinidad Argénteia. In: *Historia de la Literatura Romana*. Madrid: Gredos, 1987, pp. 245, 249.

Metamorfoses ou *O asno de ouro*, um romance, e *O Deus de Sócrates*, tratado filosófico sobre a natureza dos *daimones*.

Antes de tratar especificamente do tema cumpre ressaltar que estamos utilizando o termo religiosidade para nos referirmos ao mundo romano por acreditarmos que o conceito de religião está ligado à idéia de obrigações morais perante sistemas de crenças religiosas e dogmas e a religiosidade dos romanos não tinha como base a idéia de moralização da sociedade e nem dogmas, os romanos possuíam um sistema de adoração a deuses com os quais eles compactuavam em troca de ordem e harmonia.

Aspectos da magia no Principado Romano⁸

Para entender melhor sobre as práticas de magia em Apuleio é preciso compreender o que os estudiosos entendem por magia e o que era a magia para os romanos. Agrupam-se sob a denominação de magia vários fenômenos que pretendem, através de rituais específicos e elaborados, mudar o curso natural dos eventos. Assim, bruxaria, feitiçaria, práticas adivinhatórias, sortilégios, curandeirismo e até mesmo algumas práticas religiosas usariam ritos de natureza mágica.

Tais crenças e práticas remontam aos primeiros alvares da civilização, caracterizando-se como fenômenos universais, presentes ainda nos dias atuais e praticados em larga escala em todo mundo, desde as civilizações primitivas até civilizações com amplos conhecimentos tecnológicos.

Na civilização romana práticas mágicas são largamente conhecidas. Os testemunhos literários demonstram que a magia esteve presente na mentalidade do romano, assim como do grego, em todo período de sua história. Desta maneira, autores de todos os períodos descreveram, na literatura ou em tratados naturais, rituais, cenários, personagens e objetos usados em tais práticas. Ainda conforme Hidalgo de la Vega, a magia na sociedade romana esteve presente em todas as atividades humanas: festas religiosas, rituais de magia amorosa, necromancia, adivinhações, não sendo estranha ao mundo da política e estando incorporada a rituais praticados pelos homens públicos⁹.

⁸ O período considerado por nós aqui como Principado Romano estende-se pelos primeiros séculos da nossa era no Império Romano, ou seja, I, II e início do III século d.C.

⁹ HIDALGO DE LA VEGA, María José. *El intelectual, la realeza y el poder político*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995, p. 166.

Também as fontes epigráficas e os dados arqueológicos mostram a existência de práticas mágicas em Roma. Os *defixios*, plaquetas de chumbo com imprecações mágicas, foram amplamente encontrados em espaços como fundo de poços d'água, interior de sepulturas, cemitérios, leitos dos rios, santuários e templos romanos. As evidências arqueológicas e literárias das épocas romanas não deixam nenhuma dúvida de que havia praticantes de diversos tipos de magia no Principado Romano, inclusive na África do Norte, onde Apuleio viveu a maior parte de sua vida.¹⁰

A magia no mundo romano também esteve intimamente relacionada com as práticas religiosas durante muito tempo, de tal maneira que nem sempre é fácil distinguir as fronteiras entre elas nos tempos antigos, seus campos de ação interferem-se freqüentemente. Tanto na Grécia, como em Roma deve-se fazer uma distinção entre o uso de práticas mágicas nos ritos oficiais e os usos populares da magia. De maneira geral, as autoridades romanas repudiaram a magia por meio das leis, mas rituais de cunho mágico foram introduzidos nos cultos de deuses específicos. Basicamente, acreditarmos poder distinguir tais práticas pela diferença de atitudes do praticante. Por um lado o homem religioso oferece sua admiração com humildade e submissão a uma divindade e por outro o mago busca forçar os poderes sobrenaturais para conseguir o que deseja.

Em relação às leis que puniram o crime de magia em Roma, sabemos que o uso da magia foi punido em toda tradição jurídica romana. No período em que Apuleio foi acusado, se incriminava o praticante da magia por meio da *Lex Cornelia de Sicariis et Veneficis*, que foi instituída por Sila em 81 a.C. e se encontra atualmente como parte das compilações do *Digesto* do Imperador Justiniano. Esta lei, assim como a Lei das Doze Tábuas – que incriminava aquele que “jogou mal olhado” sobre a colheita de outrem - punindo, dessa maneira, uma espécie de roubo - não condena a magia enquanto tal, mas os crimes a mão armada contra a vida de uma pessoa, emparelhando a magia ao envenenamento. O problema se deu devido ao fato do termo *veneficium*, que deriva do grego, significar não somente a fabricação de drogas e venenos, mas também encantamentos de todas as

¹⁰ Os objetos mágicos encontrados por arqueólogos no Norte da África são talismãs, amuletos, tabuletas e *defixios* - finas lâminas de chumbo com imprecações mágicas, conhecidas pelos gregos como *katadesmoi*. Cf. RENBERG, Gil. Magic in the Daily Life of a Roman Province: The North African Background of Apuleius's Trial for Sorcery. *School of Arts and Sciences*. Disponível em: <<http://ccat.sas.upenn.edu/jod/apuleius/>>. Acesso em: 03/01/2006. As regiões africanas de Cartago e da antiga Hadrumete são particularmente ricas em sítios arqueológicos onde se encontraram grandes quantidades de *defixios*. MARTIN, Michaël. Sous le signe de Didon: Magie et Superstition en Afrique Romaine. In : *Bibliotheca Classica Selecta: Folia Electronica Classica* 10 (2005). Disponível em <<http://bcs.fltr.ucl.ac.be/fe/10/MAGIE/Mag3.html>>. Acesso em: 15/05/2006.

espécies¹¹. A *Lex Cornelia de Sicariis et Veneficis* era um ponto da Lei Cornélia que castigava delitos contra a vida humana, assim, punia também assassinatos com outros tipos de armas e roubos¹².

A magia em Apuleio

Em Apuleio a magia esteve presente tanto em seus escritos literários, como em suas reflexões filosóficas e, possivelmente, em suas práticas como parte de sua religiosidade.

Em sua obra *O asno de ouro* Apuleio descreve as aventuras de um homem transformado em asno por meio de fórmulas mágicas. Nesse romance o personagem Lúcio, passa alguns dias na casa de um amigo na região grega da Tessália, considerada na antiguidade como a “terra da magia” e, por sua enorme curiosidade em relação às práticas mágicas, usa um unguento errado que o transforma em asno. Na pele do asno, Lúcio passa por várias aventuras que enriquecem o romance, voltando à forma humana após se iniciar aos mistérios da deusa Ísis, o que deixa sua obra ainda mais ligada ao misticismo.

No trecho abaixo Apuleio descreve uma cena de magia, de uma feiticeira chamada de Panfília, contada para seu personagem Lúcio pela escrava Fótis.

É assim que neste momento, ela morre de amor por um jovem beócio, de admirável beleza, e movimenta fervorosamente todos os recursos de sua arte, todas as suas máquinas de guerra. Ouvi-a esta tarde, com os meus ouvidos. Porque o Sol tinha sido lento demais para baixar no céu, e não se tinha retirado logo para dar lugar à noite, para ela se entregar aos seus encantamentos, ameaçou o próprio Sol de envolvê-lo num véu de escuridão e de trevas eternas. Ontem, por acaso, quando ela voltava do banho, reparou num moço sentado num salão de barbeiro. Ordenou-me que levasse, às escondidas, seus cabelos que caía sob as tesouras e juncavam o solo [...] Panfília, fora de si, subiu, do outro lado da casa, a um terraço coberto de pranchas, livre, acessível a todos os ventos, de onde a vista abrange o oriente e se estende de outro lado às suas várias direções. Esse lugar se presta como nenhum às suas operações mágicas,

¹¹ GRAF, Flitz. *La magie dans l' Antiquité greco-romaine*. Ideologie et Pratique. Paris: Les Belles Lettres, 1994, pp. 57-58.

¹² MUNGUÍA, Santiago Segura. Introducción General. In: APULEYO. *Apología*. Madrid: Editorial Gredos, 1980, p. 24.

e Panfilia o freqüenta em segredo. Ela dispôs então, para começar, o aparelho ordinário de sua oficina infernal, cheia de substancias aromáticas de todo gênero, de lâminas cobertas de inscrições desconhecidas, de velas de navios perdidos no mar. Estavam ali expostos inúmeros fragmentos de cadáveres, já chorados ou mesmo já colocados no túmulo: aqui narizes e dedos, ali cavilhas de forca, com langanhos de carne, além o sangue recolhido de gargantas cortadas, e crânios mutilados arrancados os dentes das feras¹³.

Na obra *O asno de ouro* podemos perceber que Apuleio faz uma distinção explícita entre dois tipos de magia: uma magia totalmente afastada de concepções tidas como religiosas, representadas por meio de operações espetaculares e privadas, e outra que explora elementos religiosos, como, por exemplo, oração e piedade, ligada a filosofias e ritos religiosos, portanto, não punida pelas leis de seu tempo. A primeira espécie de magia mostra um sacrilégio e certo constrangimento ao praticante, sendo uma prática individual. A segunda, ao contrário, conhece os segredos divinos e venera os deuses, opera na crença da condição da ação divina e é uma prática coletiva. Dessa forma, acreditamos que Apuleio demonstra que, ao usar da magia maléfica, Lúcio, o protagonista do romance, torna-se um asno e apenas ao se iniciar nos cultos místéricos de Ísis, ele encontra a redenção, tal como havia se defendido no processo por nós estudado: ele não era um mago, apenas um adepto de religiões místicas próprias da filosofia que seguia, na qual a magia em si é uma prática ilícita, mas a filosofia mística e especulativa é uma forma de redenção.

Como já exposto, de uma forma geral, na sociedade romana do Principado, houve uma distinção entre práticas de magia populares consideradas maléficas e charlatãs – *goetia* – e outra magia incorporada em rituais de deuses da religião oficial romana e parte de estudos filosóficos como, por exemplo, as especulações de Apuleio sobre a natureza dos *daimones* e o uso destes seres em uma espécie de ritual mágico para a comunicação entre homem e deuses.¹⁴ Esta segunda visão da magia era uma assimilação de práticas religiosas e especulações filosóficas com uma base mágica, conhecida como teurgia.

¹³ APULEYO. *El asno de ouro*. Introdução de Carlos Gual García. Madrid: Alianza Editorial, 1988, Livro III.

¹⁴ Devemos considerar que a magia praticada pelos gregos e latinos não é a mesma em todo território greco-romano e que ainda ignoramos as formas primitivas e originais da magia na Itália e na Grécia. Cf. HUBERT, H. Magia. In: DAREMBERG, C. H. & SAGLIO, E. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*. Tomo II, 1ère partie. Paris: Hachete, s/d., p. 1494. Salientamos que discordamos de certos autores que citam a magia como uma prática introduzida no mundo greco-romano por influências orientais. Acreditamos sim na existência de influências culturais, religiosas e, neste sentido, também nas práticas de cunho mágico, entre o mundo oriental e o mundo greco-romano, mas acreditamos que as práticas mágicas em si, por serem um fenômeno universal, podem ter sua origem no próprio território greco-romano.

De acordo com Hidalgo de la Vega¹⁵:

[...] a magia teúrgica é uma concepção elevada e sacerdotal com caráter soteriológico, estando vinculada à religião, estabelecendo a comunicação com as potências divinas e sendo um veículo de conhecimento e participação no culto isíaco. Cerimônias de caráter mágico se veiculavam claramente com ritos místéricos, que participavam da adivinhação e inclusive veiculavam-se a doutrinas de elevado conteúdo espiritual, como a própria teoria demonológica apuleiana e toda corrente filosófica do platonismo médio. As operações “milagrosas” dos magos se realizavam pela mediação dos daimones. Ainda que tentassem despojá-las de seus aspectos mais conflituosos. A magia se apresentava em um marco de grande diversidade segundo eram seus agentes, seus rituais e suas práticas.

Porém, no Império Romano, nem toda atitude mágica considerada benéfica foi chamada de teurgia. Havia também rituais religiosos que possuíam elementos mágicos e a teurgia era uma prática específica de magia religiosa com o objetivo de incorporar a força divina através da produção de um estado de transe visionário.

Como um filósofo que incorporava práticas de teurgia, sabemos que as especulações filosóficas serviam para Apuleio em sua busca da divindade e de atingir a verdade e perfeição, considerada por ele como contrária à ignorância¹⁶. Portanto, as referências de Apuleio na *Apologia* a respeito das práticas de que era adepto, assim como as especulações presentes em outras obras como *O Deus de Sócrates*, nos indicam que ele praticava um tipo de magia similar à teurgia, havendo, segundo ele, um outro tipo, a vulgar e charlatã, à qual se opunha.

Esta segunda classe de magia a que meus adversários se referem, segundo entendi, é uma prática penalizada pelas leis e está proibida desde os tempos mais antigos pelas Leis das XII Tábuas, devido às misteriosas e nefastas influências que pode exercer sobre as colheitas. É, portanto, uma prática tenebrosa e horrível, que se realiza durante a noite, se oculta

¹⁵ HIDALGO DE LA VEGA, María José. *El intelectual, la realeza y el poder político*, p. 175.

¹⁶ APULÉE, Du dieu de Socrates. In: *Opuscules Philosophiques et fragments*. Texto estabelecido, traduzido e comentado por Jean Beaujeu. Paris: Les Belles Lettres, 1973, Livro III.

nas trevas, evita testemunhos, busca a solidão e murmura seus encantamentos em voz baixa [...]¹⁷.

Assim, como podemos perceber, as obras de Apuleio referem-se freqüentemente a um tipo de magia ligada à filosofia, fazendo poucas referências às práticas de magia populares em sua cultura. Consideramos que as obras de Apuleio são excelentes para se estudar concepções aristocráticas sobre a magia na época, mas para se conhecer as práticas populares de magia na África Romana é preciso recorrer a outras fontes.

A filosofia médio-platônica apuleiana e os cultos místéricos

Sobre as relações da filosofia de Apuleio e sua religiosidade, sabemos que a filosofia da qual Apuleio era seguidor, o Médio-Platonismo, filosofia de alguns autores como Plutarco de Queroneia, Filão de Alexandria, entre outros filósofos do final do século I e do século II d.C., era uma filosofia ainda indefinida, uma série de anotações de Platão, Aristóteles, Pitágoras e outros filósofos gregos, com reflexões próprias dos autores do I e II século d.C.

A filosofia platônica revisada no II século d.C. levanta questionamentos sobre a alma e sobre os estudos acerca dos *daimones*.

Os demônios, *daimones* como eram conhecidos entre os gregos, também receberam a denominação de gênios entre os romanos e foram definidos por Apuleio como habitantes das sublimes regiões aéreas que tinham como função facilitar a comunicação entre os homens e os deuses, portanto, eram seres especiais. A experiência do homem com o mundo demoníaco é uma das características que mais chamam a atenção dos estudiosos do século II d.C. Não devemos deixar de destacar que na época de Apuleio esses referidos demônios não possuem a conotação negativa do demônio cristão.

Nas obras *Apologia* e *O Deus de Sócrates* são os *daimones* os responsáveis pela comunicação mágica entre homem e deuses, mas esta comunicação sempre é estabelecida com princípios benéficos. Para Apuleio, o bom filósofo estava em contato com um gênio personificado superior aos demais *daimones*: era o demônio superior. Os *daimones* de Apuleio

¹⁷ APULEYO. *Apologia*, Livro XLVII, 3.

eram seres intermediários não apenas no campo do domínio, mas também na natureza de seu espírito, se apaixonavam como os homens e eram imortais como os deuses¹⁸.

Ainda acredito como Platão, quando este assegura que entre os deuses e os homens existem certos poderes divinos, que lhes servem de intermediários, por sua natureza e pelo lugar que ocupam, e que tais poderes regem todas as manifestações da adivinhação e os milagres realizados pelo homem¹⁹.

As especulações filosóficas serviam para Apuleio em sua busca da divindade e de atingir a verdade e perfeição, considerada por ele como contrária à ignorância. É nesse sentido que Apuleio na *Apologia* alude a uma necessidade da sua filosofia em conhecer a magia, justificando suas práticas mágicas como algo próprio e natural de sua filosofia (*Apologia*, XV, 9-11).

Na Grécia fiz parte de iniciações na maior parte dos cultos místéricos. Conservei ainda, com grande carinho, certos símbolos e recordações destes cultos, que me foram entregues por sacerdotes. Não estou dizendo nada insólito, nem desconhecido²⁰.

Pois bem, eu também, como já disse, conheci, por meu amor à verdade e minha piedade aos deuses, cultos de toda classe, ritos numerosos e cerimônias variadas. E não estou inventando esta explicação para acomodar-me às circunstâncias [...]²¹.

Assim, os filósofos romanos deste período, seguidores do platonismo de então, se interessam pelos cultos místéricos e pela obtenção de contato com esses seres divinos conhecidos como *daimones*, como o caso de Apuleio. Walter Burkert informa-nos que o próprio Platão se interessou pelas experiências dos mistérios, sendo reiteradas vezes imitado pelos neoplatônicos²².

Apuleio também foi iniciado em diversos cultos místéricos, como nos mostra nestes trechos:

¹⁸ APULÉE. Du dieu de Socrate. In: *Opuscules Philosophiques et fragments*. Livro XIII.

¹⁹ APULEYO, *Apologia*, Livro XLIII, 2.

²⁰ APULEYO, *Apologia*, Livro LV, 8.

²¹ APULEYO, *Apologia*, Livro LV, 9-10.

²² BURKERT, W. *Antigos cultos de mistério*. São Paulo: EDUSP, 1991, p. 101.

Na Grécia fiz parte de iniciações na maior parte dos cultos místéricos. Conservei ainda, com grande carinho, certos símbolos e recordações destes cultos, que me foram entregues por sacerdotes. Não estou dizendo nada insólito, nem desconhecido²³.

Pois bem, eu também, como já disse, conheci, por meu amor à verdade e minha piedade aos deuses, cultos de toda classe, ritos numerosos e cerimônias variadas. E não estou inventando esta explicação para acomodar-me às circunstâncias [...]²⁴.

Walter Burkert²⁵ indica que as chamadas religiões de mistérios ficaram conhecidas como uma alteração básica na postura propriamente religiosa, transcendendo a perspectiva realista e pragmática da religião romana e possuindo uma espiritualidade mais elevada. Eram também consideradas religiões de salvação. Devemos destacar que as religiões místicas atraíram muitas pessoas das camadas menos favorecidas economicamente, mas também atraíram um grande número de intelectuais romanos²⁶.

Na *Apologia*²⁷, Apuleio se revela iniciado nos mistérios de Líber, uma das denominações dos romanos para o deus Baco²⁸. No Livro XI do romance *O asno de ouro*, Apuleio faz uma minuciosa descrição de um ritual de iniciação aos mistérios de Ísis e, pela riqueza de detalhes, conferimos que tal descrição só poderia ser obra de alguém que conhecesse bem tal culto.

As religiões místicas atraíram muitas pessoas das camadas menos favorecidas economicamente, mas também atraíram um grande número de intelectuais²⁹.

Já no século I d.C., com exceção do Imperador Calígula, os demais Imperadores se mostraram com uma predileção especial aos cultos dos deuses egípcios, a partir dos Flávios e, sobretudo dos Antoninos, a maioria dos imperadores foi atraída por estes cultos. O culto místico de Ísis, do qual Apuleio foi iniciado, alcançou seu esplendor na época

²³ APULEYO. *Apologia*, Livro LV, 8.

²⁴ APULEYO. *Apologia*. Livro LV, 9-10.

²⁵ BURKERT, W. *Antigos cultos de mistério*, p. 20.

²⁶ RAWSON, Elizabeth. *Intellectual Life in the Late Roman Republic*. London: Duckworth, 1985, p. 299.

²⁷ APULEYO. *Apologia*. Livro LX, 9.

²⁸ MUNGUÍA, Santiago Segura. Introducción General. In: APULEYO. *Apologia*, p. 149.

²⁹ RAWSON, Elizabeth. *Intellectual Life in the Late Roman Republic*, p. 299

dos Imperadores Antoninos e Severos, sendo considerado um culto integrado à ideologia dominante. No século II d.C., entre seus adeptos, estavam magistrados, funcionários imperiais e outros representantes do poder público.

Segundo Rosa Cid, a partir do momento em que se eliminam as proibições e os próprios imperadores se tornam seguidores de Ísis, os setores mais romanizados da sociedade provincial acabam se convertendo em adeptos do isísmo³⁰.

Ainda para Cid, tais práticas de mistérios tinham um caráter secreto, iniciatório e noturno. Acreditamos que nesse sentido oculto possa ter residido a ligação dos cultos místéricos com algo mágico em Roma. Tudo isso contribuiu para aumentar a fama de mago que envolvia Apuleio Porém, devemos considerar que os cultos místéricos, principalmente o de Ísis, eram bem difundidos na região da Tripolitânia e não constituíam algo extraordinário nessa região³¹, tendo, como demonstrado anteriormente, ligações com as altas esferas do poder político.

Apuleio sacerdote

Outro aspecto que contribuiu para envolver a imagem de Apuleio em relação ao misticismo e à religiosidade foi ele ter ocupado um cargo sacerdotal. Em Cartago, Apuleio certamente foi sacerdote. Na passagem da obra *Flórida*, abaixo citada, ele agradece Emiliano Estrabão, um cônsul, homem da aristocracia da cidade que Apuleio serviu de alguma forma. Emiliano ergue uma estátua em homenagem a ele, que explica as razões do erguimento da mesma, vangloriando seus feitos, sua própria erudição e o fato de ocupar o cargo de sacerdote na cidade, onde tal discurso foi pronunciado.

O que posso acrescentar a tamanho elogio, tributado publicamente por um varão consular. E ainda mais: aludindo que eu assumi um cargo sacerdotal, demonstrou que eu ostentava a mais alta dignidade de Cartago [...]. E, para tanto, prometeu-me que disporia e ergueria a suas expensas uma estátua em Cartago³².

³⁰ CID, Rosa. El culto a “Ísis” em Numídia: Los testimonios del campamento militar em “Lambaesis”. In: RUBIO, Rebeca (ed.). *Ísis. Nuevas Perspectivas*. Madrid: Ediciones Clásicas, 1996, p. 56.

³¹ CID, Rosa. El culto a “Ísis” em Numídia: Los testimonios del campamento militar em “Lambaesis”. In: RUBIO, Rebeca (ed.). *Ísis. Nuevas Perspectivas*, p. 47.

³² APULEYO. *Flórida*. Tradução, introdução e notas de Santiago Segura Munguía. Madrid: Editorial Gredos, 1980, Livro XVI, 38-39.

Tudo indica que Apuleio foi sacerdote do deus Esculápio (L. *Aesculapius*, G. *Asklépios*).³³ Ele mesmo nos fornece esta informação em uma homenagem a Cartago:

Por ele, neste momento, ao dirigir-me a vocês, começarei com felicíssimos auspícios, invocando o Deus Esculápio, que protege benévolo com seu poder indiscutível, a cidade de nossa querida Cartago. Cantar-lhes-ei também um hino que compus, em honra deste deus, em versos gregos e latinos e que já lhe dediquei. Não sou, entretanto, nem o menos conhecido de seus adoradores, nem o menos antigo de seus fiéis, nem o menos favorecido de seus sacerdotes e já manifestei a veneração que por ele sinto, tanto em prosa como em verso, de tão sorte que também agora cantarei seu hino em ambas as línguas³⁴.

Também na obra *Apologia*, Apuleio alude ao deus Esculápio, informando-nos que pronunciou um discurso sobre essa divindade quando chegou em Oea.

[...] faz uns três anos, poucos dias depois de eu ter chegado em Oea, ao pronunciar uma conferência acerca da majestade de Esculápio, fiz publicamente estas mesmas declarações e enumerei todos os cultos mistéricos nos quais eu havia me iniciado. Este discurso meu é bastante conhecido, as pessoas o lêem, anda por aí em todas as mãos, encontrou uma boa acolhida entre os piedosos cidadãos de Oea, não tanto pela minha eloquência, mas porque nele falo de Esculápio³⁵.

Segundo John Scheid, o sacerdote era aquele que realizava atos cultuais, diferenciando-se dos magistrados por ser o depositário do direito sagrado e exercer uma autoridade divina³⁶. É interessante notar que:

[...] em Roma não se tornava sacerdote quem o desejasse: o sacerdócio não era uma questão de vocação (pelo menos, não nos cultos tradicionais), mas de estatuto social. Como os atos religiosos eram

³³ Segundo MUNGUIA, Santiago Segura. Introducción General. In: APULEYO. *Apologia*, o deus Esculápio é uma das grandes divindades africanas e foi incorporado pelo panteão greco-romano como deus da medicina, recebendo culto em Roma desde os princípios do século III a.C. Mais informações sobre este deus ver em: HARVEY, P. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*. Grega e Latina. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 62, 209.

³⁴ APULEYO, *Flórida*, Livro XVIII, 37.

³⁵ APULEYO, *Apologia*, Livro LV, 10.

³⁶ SHEID, John. O Sacerdote. In: GIARDINA, Andrea. *O Homem Romano*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1992, p. 52.

celebrados em nome de uma comunidade, e não em nome de indivíduos, só aqueles que estavam destinados, pelo seu nascimento ou pelo seu estatuto, a representá-la, exerciam as funções sacerdotais³⁷.

[...] na vida comunitária do povo romano, o que determinava essa distribuição eram as regras tradicionais da vida pública. Portanto, as funções sacerdotais eram confiadas a todos aqueles que eram, ou tinham sido, regularmente eleitos como magistrados ou sacerdotes do povo³⁸.

Em nenhuma passagem de suas obras, Apuleio cita ter sido magistrado, o que possivelmente ocorreu, ele apenas faz alusões a ter sido membro da cúria de sua cidade natal e sacerdote de Cartago, como expomos.

Sabemos que as funções de um sacerdote eram de celebração dos ritos, sacrifícios ao deus, fixação das datas e modalidades da liturgia e pronunciamentos de palavras em honra ao deus. É nesse sentido que Apuleio explana sobre os discursos que pronunciou em Oea e Cartago.

Os sacerdotes romanos, sobretudo os pontífices, eram homens de direito e ‘homens de letras’. Os seus textos não constituíam revelações metafísicas, mas o registro de factos que pudessem interessar aos actos públicos dos homens e dos deuses, e a compilação de todos os decretos e respostas dadas pelos sacerdotes: em suma, toda jurisprudência sagrada³⁹.

Através da análise biográfica de Apuleio, notamos que ele era envolto em um misticismo próprio das iniciações mágico-filosóficas que fizera, além disso, era um “homem de letras”, termo usado por Scheid, era um escritor, um retórico e um advogado, tendo ainda como atributo para exercer a função de sacerdote de Cartago o fato de ser um decurião.

³⁷ SHEID, John. O Sacerdote. In: GIARDINA, Andrea. *O Homem Romano*, p. 53.

³⁸ SHEID, John. O Sacerdote. In: GIARDINA, Andrea. *O Homem Romano*, p. 54.

³⁹ SHEID, John. O Sacerdote. In: GIARDINA, Andrea. *O Homem Romano*, p. 67.

Os sacerdócios oficiais dos romanos reduziam-se aos homens beneméritos e letrados⁴⁰. O cargo de sacerdote não os isolava do governo; pelo contrário, a função sacerdotal os colocava em circunstâncias de serem mais úteis ao Império.

O sacerdote não devia sair da ordem natural do Império Romano para viver segundo uma ordem pessoal. Ele servia primeiramente a Roma através do culto aos deuses, e não o contrário. Por isso, o sacerdote era visto como um magistrado em pleno desenvolvimento de trabalhos cívicos⁴¹.

Também na região da África Romana, o título de sacerdote era dado aos homens mais nobres naquele momento.

O grande sacerdote da província é escolhido anualmente em Cartago, entre os cidadãos mais nobres, sendo que esse deve ser um personagem político influente e forte, que represente a população no Império⁴².

Apuleio não nos indica se foi o “grande sacerdote da província”, mas de qualquer forma, apenas por ter recebido o título de sacerdote na principal cidade da África Proconsular, percebemos a importância que desempenhou nesta região.

Apuleio morreu por volta de 170-180 d.C., durante o governo de Marco Aurélio, havendo controvérsias também sobre a data precisa de sua morte.

Considerações finais

Percebemos, neste sentido, que magia, filosofia e iniciações de mistério eram facetas de algo maior, que foi a religiosidade de Apuleio. Em Roma na época de Apuleio, II século d.C., havia uma atitude ambígua em relação às práticas de magia. Os romanos acreditavam na existência de uma magia boa e outra ruim, mas os limites para caracterizar as práticas das mesmas são extremamente difíceis de separação. Como seus contemporâneos, membros da elite, Apuleio não deixou de fazer esta distinção e de ressaltar que era praticante de uma magia com concepções fundamentadas em sua filosofia, que por sua vez admitia iniciações místicas com rituais mágicos.

⁴⁰ CARCOPINO, Jérôme. *Roma no apogeu do Império*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 152.

⁴¹ GUILLEN, J. Los Sacerdotes Romanos. In: *Helmantica* 73 (1973): 5-76.

⁴² PICARD, Gilbert Charles. *Les religions de l'Afrique Antique*. Paris: Librairie Plon, 1954, p. 196.

Percebemos ainda, que mesmo diante de uma acusação de magia e toda atmosfera de mago que envolveu sua personalidade descrita por autores dos períodos posteriores, Apuleio não parece ter sido considerado em sua época como alguém que admitia práticas negativas e nem ruins, uma vez que chegou a ocupar o importante cargo de sacerdote na cidade de Cartago provavelmente após ser absolvido da acusação e que os aspectos de sua religiosidade, por mais que pareçam miraculosos e estranhos aos olhos de escritores posteriores, especialmente dos cristãos do IV século, não parecem ter sido algo extraordinário em sua própria época, podendo, assim, tomá-lo como testemunho de características da religiosidade de certos membros da elite romana no II século d.C.

Referências bibliográficas

Fontes documentais

APULÉE. *Apologie*. Tradução, introdução e notas de Henri Clouard. Paris: Librairie Garnier Frères, 1933.

_____. *Apologie*. Texto estabelecido e traduzido por Paul Valette. Paris: Les Belles Lettres, 1960.

_____. *Opuscles Philosophiques et fragments* (Du dieu de Socrates, Platon et sa doctrine, Du monde). Texto estabelecido, traduzido e comentado por Jean Beaujeu. Paris: Les Belles Lettres, 1973.

APULEYO. *Apologia*. Tradução, introdução e notas de Santiago Segura Munguía. Madrid: Editorial Gredos, 1980.

_____. *Flórida*. Tradução, introdução e notas de Santiago Segura Munguía. Madrid: Editorial Gredos, 1980.

_____. *El asno de ouro*. Introdução de Carlos Gual García. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

APULEIO. *O asno de ouro*. Tradução de Ruth Guimarães. São Paulo: Editora Cultrix, s/d.

EL DIGESTO DE JUSTINIANO. Tomo II. Versão castelhana de A.D'Ors, Tejero e outros. Madrid: Aranadi, Pamplona, 1975.

Fontes bibliográficas

BAROJA, Julio Caro. *As bruxas e o seu mundo*. Lisboa: Vega, 1978 (Coleção Janus).

_____. Sobre la teoría de la magia. In: _____. *Vidas Mágicas e Inquisición*. Madrid: Ediciones Istmo, 1992.

BICKEL, Ernst. La Literatura retorzante de la latinidad Argéntea. In: _____. *Historia de la Literatura Romana*. Madrid: Gredos, 1987.

BURKERT, W. *Antigos cultos de mistério*. São Paulo: EDUSP, 1991.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. A adivinhação no mundo helenizado do segundo século. In: *Clássica* 4 (1991): 103-121.

CÂNDIDO, Maria Regina. *A feitiçaria na Atenas clássica*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2004.

CARCOPINO, Jérôme. *Roma no apogeu do Império*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

_____. O mundo como representação. In: *Estudos Avançados* 11.5 (1991): 173-191.

CID, Rosa. El culto a “Ísis” em Numídia: Los testimonios del campamento militar em “Lambaesis”. In: RUBIO, Rebeca (ed.). *Ísis*. Nuevas Perspectivas. Madrid: Ediciones Clásicas, 1996.

CUMONT, Franz. L. *Les religions orientales dans le paganisme romain*. 3 ed. Paris: Librairie Leroux, 1929.

DICKIE, Matthew. W. *Magic and Magicians in the Greco-Roman World*. New York: Routledge, 2001.

DODDS, E. R. Teurgia In: _____. *Os gregos e o irracional*. Tradução de Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta, 2002.

DUBY, Georges. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

GRONINGEN, B.L. HILJMANS, Jr. Apuleius, Philosophus Platonicus. In: *Aufstieg und Niedergang der Romischen Welt* II.36.1 (1987): 395-475.

GRAF, Flitz. *La magie dans l' Antiquité greco-romaine*. Ideologie et Pratique. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

GRAEF, H. *Histoire de la mystique*. Paris: Éditions du Seuil, 1972.

GUILLEN, J. Los Sacerdotes Romanos. In: *Helmantica* 73 (1973): 5-76.

HARVEY, P. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*. Grega e latina. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

HIDALGO DE LA VEGA, María José. *El intelectual, la realeza y el poder político*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995.

HUBERT, H. Magia. In: DAREMBERG, C. H. & SAGLIO, E. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*. Tomo II, 1ère partie. Paris: Hachete, s/d., p. 1494-1521.

JANOWITZ, Naomi. *Magic in the Roman World*. Pagans, Jews and Christians. New York: Routledge, 2001.

MARTIN, Michaël. Sous le signe de Didon: Magie et Superstition en Afrique Romaine. In : *Bibliotheca Classica Selecta: Folia Electronica Classica* 10 (2005). Disponível em <<http://bcs.fltr.ucl.ac.be/fe/10/MAGIE/Mag3.html>>. Acesso em: 15/05/2006.

MONTERO, Paula. *Magia e pensamento mágico*. São Paulo: Ática, 1990.

MOSCA, Bruno. Apuleio e la magia. In: *Cultura e Scuola* IX.35 (1970): 39-45.

MUNGUIA, Santiago Segura. Introducción General. In: APULEYO. *Apologia*. Madrid: Editorial Gredos, 1980.

PICARD, Gilbert Charles. *Les religions de l'Afrique Antique*. Paris: Librairie Plon, 1954.

_____. *La civilización de l'Afrique Romaine*. 2 ed. Paris: Études Augustiniennes, 1990.

RAWSON, Elizabeth. *Intellectual Life in the Late Roman Republic*. London: Duckworth, 1985.

RENBORG, Gil. Magic in the Daily Life of a Roman Province: The North African Background of Apuleius's Trial for Sorcery. *School of Arts and Sciences*. Disponível em: <<http://ccat.sas.upenn.edu/jod/apuleius/>>. Acesso em: 03/01/2006.

RUBIO, Rebeca (ed.). *Isis*. Nuevas Perspectivas. Madrid: Ediciones Clásicas, 1996.

SHEID, John. O Sacerdote. In: GIARDINA, Andrea. *O Homem Romano*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

SILVA, Gilvan Ventura da. *Reis, Santos e Feiticeiros*: Constâncio II e os fundamentos místicos da *Basiléia*. (337 – 361). Vitória: EDUFES, 2003.

SILVA, Semíramis Corsi. Universo Mágico em Roma: Representações e Práticas de Feitiçaria. In: *Ensaio de História* 9.1/2 (2004): 75-95.

_____. *Relações de Poder em um Processo de Magia no Século II d.C.: uma análise do discurso Apologia de Apuleio*. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Política). Franca: Universidade Estadual Paulista/UNESP, 2006.

TUPET, Anne-Marie. *La magie dans la poesie latine*. Des origines à la fin du régime d'Auguste. Vol. 01. Paris: Les Belles Lettres, 1976.